

Laé de Souza

As melhores crônicas



dos projetos de leitura

Volume 6

ECOARTE
EDITORA



Projetos de Leitura

Autor - Laé de Souza

As melhores crônicas dos projetos de leitura

Volume 6

O GRUPO PROJETOS DE LEITURA desenvolve várias atividades e projetos de incentivo à leitura em todo o Brasil. São ações em escolas públicas, praças públicas, parques, ônibus metrô, aeroportos, hospitais e doação de livros para instituições filantrópicas.

Em mais uma ação para facilitar o acesso à leitura, os livros do escritor Laé de Souza, utilizados nos projetos do grupo, são disponibilizados, gratuitamente, em pdf.

Projeto
LEITURA no PARQUE



Autor: Laé de Souza



CARAVANA DA LEITURA



Esta obra é a sexta da série que reúne os melhores textos elaborados pelos alunos participantes dos projetos “Ler é Bom, Experimente!” e “Minha Escola Lê” em um livro.

Os alunos, de várias regiões do Brasil, desenvolveram várias atividades, a partir da leitura das obra “Nos bastidores do cotidiano”, concluídas com a elaboração de um texto.

A primeira seleção foi efetuada pelos professores que escolheram, entre os textos produzidos por seus alunos, o melhor, para concorrer ao prêmio e, assim, participar desta edição. Em seguida, uma equipe fez a escolha dos trabalhos que fazem parte desta coletânea.

Além de se deliciar com a leitura dos textos produzidos pelos alunos, o leitor terá, ainda, uma crônica de minha autoria, compartilhando o espaço com os estudantes, escritores.

Assim, agradeço, de coração, aos professores que participaram dessa iniciativa, nas suas escolas, bem como ao GRUPO SEGURADOR BANDO DO BRASIL E MAPFRE, que patrocina o projeto “Ler é Bom, Experimente!”, e felicito aos jovens autores escolhidos a compor esta obra. Assim, a alegria desse resultado é minha, de vocês, jovens autores e, também, de seus professores e colegas.

Laé de Souza

As melhores crônicas dos projetos de leitura

Laé de Souza

Coletânea dos textos dos alunos participantes
dos projetos Ler é Bom, Experimente! e Minha Escola Lê

Volume 6 | 2014



Copyright © Laé de Souza
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Souza, Laé de
As melhores crônicas dos projetos de leitura - Volume 6
Laé de Souza. -- 1ª ed. --
São Paulo : Editora Ecoarte, 2014.

ISBN: 978-85-87588-47-0

“Coletânea de textos dos alunos participantes
dos projetos Ler é Bom, Experimente! e Minha Escola Lê”.

1. Crônicas brasileiras - Coletâneas I. Título.

CDD-869.9308

Índices para catálogo sistemático:
1. Coletâneas : Crônicas : Literatura
brasileira 869.9308
1. Crônicas brasileiras I. Título.

Assessoria e Produção Editorial:

G2R Comunicação

Ilustrações:

Rucke

Capa: *Marcel Guido*

Fotografia: *Nivaldo Amorim*

Agradecimento especial

Agradeço aos professores, parceiros nesta jornada de formar novos leitores. Os textos dos alunos é o resultado de um trabalho de leitura e atividades desenvolvidas, nas escolas, com a finalidade de fazê-los descobrir o grande prazer do ato de ler. Os professores são os grandes maestros, condutores dessa empreitada. Muitos me acompanharam nesses mais de dezesseis anos de projetos de leitura nas escolas, por todos os cantos do Brasil, acreditando, como eu, que é possível formar leitores. Sei qual grande alegria é para ele, professor, ter o texto de um aluno seu, nesta obra.

Aos amigos, colaboradores e patrocinadores dos projetos de leitura, que viabilizam tornar-se realidade esse sonho de um Brasil Leitor.

Aos alunos, escritores, que tiveram os seus textos escolhidos para compor esta sexta obra dos participantes dos projetos “Ler é Bom, Experimente!” e “Minha Escola Lê”.

Não temos a pretensão de torná-los escritores, mas sim de fazê-los perceber que é possível discutir, compreender e reescrever um texto com a sua percepção e com nova conotação.

Deixa-me muito feliz que estejam comigo nesse trabalho e desejo que se tornem leitores e, também, incentivadores da leitura para que tenhamos um país melhor!

Boa leitura a todos!

Laé de Souza

Índice - Por autor

Laé de Souza	
Indecisão no metrô	08
Ana Flavia Jorge Chama	
Um dia muito difícil	10
Breno Fernandes da Cruz	
Mais vivo do que nunca, Zé pinguinha ataca de jornalista	12
Cristina Rocha Araújo	
Um Novo Anjo	14
Diego Gustavo Scherer	
O lugar onde vivo	16
Eric Franklin Medeiros	
Inconveniente no restaurante	18
Gabriela Coutinho da Silva	
Consequências da indecisão	20
Gabrielle Almeida de Arruda	
Maluco Beleza Apaixonado	22
Geovan Pereira Silva	
Os idosos não são objetos velhos	24
Graziele Medeiros Jope	
Quase almoço	27
Isabela Mendes Ribeiro	
Tudo vai melhorar	28
Jenifer de Oliveira Caraça	
Estátua ou não?	29
Julia Teixeira Mendes Soares	
Os Aparelhos Eletrônicos no Cotidiano	31
Laíse Dimer Sant'ana da Rosa	
Dentinho 2.0	32
Letícia Arruda Sousa	
E ele continua... Maluco Beleza	33
Luan Ramos Davelli	
Banda de um homem só	34

Luana Aparecida Ribeiro	
Esmeraldo, o Garçon	36
Marcella Giovanna Silva	
O tombo de Esmeraldo	37
Marcos Vinícios do Nascimento	
O encontro de Maluco Beleza e Esmeraldo	38
Maria de Fátima Bezerra	
Dia seguinte	39
Patrick Pereira Elias	
Meu primo Armindalino	40
Rodrigo Reis Ribeiro	
A morte do Maluco Beleza	41
Stéphanie Karin Olegini	
Um sonho destruído	42
Táisa Kristine da Silva Rodrigues	
Maluco Beleza, personagem de Laé de Souza, se apaixonou por Minerva, de “Harry Potter”	43
Wisthiley Soares do Nascimento	
Zé Pinguinha nos assombrando	46

Indecisão no Metrô

Laé de Souza

Não consigo discernir muito bem o real do irreal. Minhas ideias vão em uma linha e só naquele sentido. Vejo-me em aperto, quando o interlocutor me pergunta: “Que idade você me dá?”. Gelo. Se falar a mais, a pessoa se irrita, se a menos, pensa que é gozação, e se irrita, do mesmo jeito. Não consigo descobrir as idades simplesmente olhando às pessoas. Por conta disso, já me vi em muitas enrascadas e as últimas ocorreram no metrô.

Estava, eu, sentado no banco preferencial dos idosos, gestantes e deficientes, quando se aproximou uma senhora, que a mim pareceu ser idosa. Ao oferecer o lugar, levei um xingo e indagado, aos gritos da mulher, se achava que ela era idosa e merecedora do lugar no banco. Era das provocadeiras e insistia em querer resposta, o que me fez descer do vagão e embarcar em outro.

Noutro dia, na dúvida, entre levanto ou não, perguntei à senhora se ela era idosa, pelo que levei um belo tapa no rosto. Envergonhado, desci, novamente.

Uma vez, um senhor, aquele, tinha certeza de que era idoso, próximo ao meu banco, ofereci o meu lugar. Desligado que sou, nem havia percebido que o tal estava na paquera de uma senhora e, para mostrar que estava em forma, falou-me alto e para ser ouvido por todos: “Se liga, cara, quem, aqui, está precisando sentar? Não reconhece um atleta, não? Você está mais precisado”. De novo abandono o trem.

Uma vez, quis fazer gracinha e ser educado com uma senhora, que me pareceu, grávida. “As grávidas têm preferência, sente-se senhora”. Maldito gesto e fala. A mulher, aos gritos,

disse que a estava chamando de gorda e insinuando gravidez, para ofendê-la. Mas, quem, meu Deus, não acharia que aquela barriga era de gravidez? Uma senhora do lado, entrou na briga e falou que era realmente por gozação, porque para ela, que estava realmente grávida, eu não havia oferecido o lugar. Lá desço eu, de novo.

Resolvi, para evitar confusão, que não sento mais no trem.

Pensei que tinha se resolvido o dilema, mas qual. Outro dia, em pé, o banco com apenas um senhor sentado, rendeu-me mais problemas. O fulano, com os braços e rosto em feridas, ao que parece, proveniente de uma doença, dirigiu-me desaforos, dizendo que o banco estava vazio e eu me recusava a sentar ao seu lado, por nojo. Tentei argumentar, mas não teve jeito!

Desci do trem.



Um dia muito difícil

Autora: Ana Flavia Jorge Chama - 14 anos

Professora: Tássis de S. Ribeiro

Escola: Costa e Silva - EFMN

Cidade: Sengés - PR

Certo dia Aninha estava se arrumando para ir à escola e sua mãe também se arrumava para levá-la. Enquanto a menininha se demorava, a mãe já estava pronta. A garotinha ainda estava pondo um tênis quando a mãe resmungou:

- Que demora, Ana! Desse jeito nós não chegamos na escola antes do meio dia. - Ainda falava enquanto colocava outro calçado na pequena que esfregava os olhinhos e abria a boca com soninho.

Já na escola, enquanto descia do carro e corria para perto da professora, todos os amiguinhos começaram a caçoar dela, mas a professora nem percebeu. Foram para o parquinho e ninguém queria ficar perto dela. Entraram na sala e não tiravam os olhos dela e cochichavam o tempo todo.

Aninha ficou encolhida no canto sem entender nada. Pensou em arrumar uma desculpa para sua mãe buscá-la mais cedo, mas aguentou firme até o fim o jeito que seus amigos lhe tratavam. Até que enfim terminou a tortura, pensou enquanto arrumava o material para ir embora...

Quando chegou em casa, viu com pavor, vergonha e raiva o motivo de tanto riso.

- Mãe, veja o que você fez! - disse ela.

A mãe corre, pisca e ri, pois na correria da manhã, nem percebeu que tinha colocado um pé de tênis e outro sapato na filha. Ana que estava meio dormindo nem percebeu o que

havia acontecido.

- Nunca mais vou deixar você me ajudar, mãe. Você parece que estava dormindo mais do que eu de manhã – disse.

Enquanto ria, a mãe percebeu o quanto a filha precisava de sua atenção e cuidado.

Parou de rir, afinal e percebeu que era sua, a culpa de não prestar mais atenção nela.

Mais vivo do que nunca, Zé pinguinha ataca de jornalista

Autor: Breno Fernandes da Cruz - 16 anos

Professora: Schirley Rodrigues de Souza

Escola: E.E. Prof.^a Geralda Otoni Barbosa

Cidade: Capelinha - MG

Acordei ofegante, faltava-me o ar e também palavras para descrever o pesadelo que tive aquela noite. Zé Pinguinha, um dos meus melhores amigos estava morto. Tudo parecia muito real, a cidade havia parado, e todo mundo abusava da bebida no velório para tentar sanar a dor que nos atingia. Pela primeira vez na vida dei graças a Deus quando ouvi o despertador tocar e vi que tudo não passava de um sonho.

Mesmo assim meu coração ainda não havia se acalmado, decidi que não iria trabalhar naquele dia, fui para o bar do Magrão, pois sabia que encontraria meu velho amigo ali.

Como era de se esperar, lá estava ele, com sua companheira de longa data, com quem ele havia passado a noite toda: a pinga.

Ao contar-lhe sobre meu sonho, recebi uma bronca daquelas:

- Como você sonha um negócio desse logo agora que arrumei um emprego, Deus que me livre de morte. – disse Zé Pinguinha.

Confesso que me surpreendi com essa declaração. Emprego?

Nunca pensei em ouvir essa palavra da boca dele.

Perguntei-lhe que emprego era esse, esperando que ele dissesse que trabalharia como vendedor ambulante, lixeiro, ajudante de pedreiro e outras coisas desse tipo, mas a resposta dele me causou espanto. “Jornalista“, disse-me com um largo sorriso no rosto.

Sinceramente não conseguia entender como ele havia conseguido um trabalho como esse. Provavelmente deve ter embriagado o diretor de jornalismo da TV da cidade. Essa é a única explicação plausível para ele ter conseguido o papel de âncora do principal jornal regional, pensei.

Na semana seguinte não poderíamos deixar de nos reunirmos para assistir a estreia de nosso amigo na TV. O bar do Magrão, como de costume, era nosso ponto de encontro.

Com o início do noticiário não pude deixar de reparar que a câmera balançava de um lado para o outro, sem foco algum. Certamente Zé Pinguinha havia embriagado toda sua equipe.

As notícias eram todas relacionadas a bêbados: Bêbado é expulso de bar por não pagar conta; bicicleta em alta velocidade atropela bêbado; cachorro louco, ataca bêbado indefeso; bêbado dorme na calçada de rua movimentada; bêbado cai no meio da rua etc. E, por fim, nosso âncora não pode deixar de demonstrar insatisfação com a vida do bêbado na sociedade atual, defendendo a criação do estatuto do bêbado para assegurar seus direitos.

Não preciso nem dizer que a carreira de nosso amigo foi por água abaixo né? O jornal teve o menor índice de audiência dos últimos tempos. Por outro lado, Zé Pinguinha se tornou um ídolo para os bêbados da região.

Um Novo Anjo

Autora: Cristina Rocha Araújo - 11 anos

Professora: Núbia de Jesus Souza

Escola: Escola Municipal Deputado Oscar Cardoso

Cidade: Posto da Mata - BA

Por volta das 8 horas da manhã o silêncio foi interrompido pelas batidas insistentes na porta.

Fui depressa atender e para meu espanto, lá estava Lúcia. Percebi algo estranho em seu olhar, então perguntei:

- O que foi?

Ela respondeu:

- Vamos até a praça para você ver. Quando chegamos a praça, o céu estava muito turvo, as nuvens escuras, muitos trovões, raios e uma multidão se aglomerava. Todos espantados sem compreender o que acontecia. De repente um senhor de estatura mediana, pesava uns 68 quilos e usava óculos escuros que não combinava com seus grandes bigodes. Ele subiu no banco da praça e pediu para que todos se acalmassem, pois era apenas uma tempestade. No momento em aquele senhor falava começou aparecer animais de todas as espécies, vindo em direção as pessoas como se estivessem sido atraídos por algo sobrenatural. Em poucos minutos não dava para separar entre animais e pessoas.

Em meio a multidão de seres racionais e irracionais, uma mulher se manifestou e pediu a todos que se reunissem na igreja para se livrarem da forte chuva que caia e dos aterrorizantes trovões. Lá dentro, todos ainda conversavam muito alto perguntando uns aos outros o que se passava. Uma senhora de bom semblante começou a cantar, não lembro a letra da

canção, mas a melodia era linda e acalmava a alma, como se a senhora soubesse o que estava por vir.

Duas horas depois a escuridão ainda tomava conta do dia, parecia tarde da noite. Em meio ao silêncio da multidão, um grito estridente de uma senhora grávida rompeu o silêncio. “Olha no céu!”. Era um raio de luz em meio a escuridão. A senhora grávida começou a sentir a dor do parto. Estava dando à luz, quando um ser celestial se aproximou dela, pegou aquele lindo bebê dizendo. “Vamos Serafim! O senhor precisa de você lá nos lugares celestiais” - Todos ficaram boquiabertos quando os dois tomaram voo.

O lugar onde vivo

Autor: Diego Gustavo Scherer - 15 anos

Professora: Gisele Sandra Hoff

Escola: EMEF Cardeal Leme

Cidade: Santa Cruz do Sul - RS

Hum, depois de uma bela noite de sono, com aquela esplêndida chuva... parece que Deus estava tão triste que chorou a noite inteira, uma noite chuvosa, típica aqui da minha terra. Aqui em minha cidade, Santa Cruz do Sul, sempre foi assim o nosso inverno. Com muita chuva, que às vezes nos dá a impressão que não tem fim.

Mas depois da noite acabar, começa um novo dia, um começo de manhã meio sem jeito, pois tudo está molhado. Não há a típica festa dos passarinhos cantando, com o raiar do sol refletindo nas verdes matas, que cercam minha casa, e que se vê ao longe. Eu moro no interior da cidade, em meio a muitos verdes, riachos e animais. Lugarzinho tão maravilhoso que me deixa sempre em paz comigo mesmo.

Hoje, ao que tudo indica, não será um grande dia de sol, e sim chuvoso. Mas fazer o que não é? A lei da natureza é assim. Pena que a chuva não me deixará brincar e viver minha infância por mais um dia. Pelo menos não lá fora não será possível fazer, como costume com meus amigos, ir pescar, guiar o gado, pegar o pasto e alimentar os animais. Enfim, correr por entre os campos.

Pulando essa parte meio melancólica, agora na mesa do café, estou diante de um delicioso café da manhã, com muita fartura, pois aqui no interior é assim: o café sempre é farto e reforçado para podermos enfrentar o dia de trabalho, seja

na escola ou em casa. Esse pão caseiro que minha mãe faz, com essa deliciosa schmier colonial, também produzida pela minha mãe, hummm, uma delícia. Ainda mais com um café com leite, tirado ainda há pouco.

Então, me vem a chuva de novo tomando conta dos meus pensamentos. O que fazer agora? O tempo não passa, parece uma eternidade. Mas como se eu nem tivesse percebido, num estalar de dedos... vapt, vupt, o dia se foi! Chegou a noite e nada da chuva passar e, pela janela do meu chalé, vejo a água esbarrando, gota por gota, naquelas flores, deixando as pétalas caídas no chão, o que me lembra duma brincadeira: “Bem-me-quer, malmequer”!

O fato é que a escuridão tomou conta rapidamente e mais um dia chegou ao fim. O que me alegra é saber que o dia de amanhã está chegando e será muito melhor, pois aqui em minha terra, que amo demais, não me falta coisas para fazer e que acalmam meu coração. Apenas espero que seja um dia muito ensolarado, para aquecer os verdes campos coloridas e flores que contornam minha região! Esse distrito de Santa Cruz que me faz tão feliz! Mas que o amanhã seja sem chuva!

Inconveniente no restaurante

Autor: Eric Franklin Medeiros - 14 anos

Professora: Luciana F. S. Horvath

Escola: E. E. Antônio Raposo Távares

Cidade: Osasco - SP

Estava com fome e resolvi ir ao restaurante. Sentei em uma mesa e fiz meu pedido. De repente entrou um homem barbudo, de óculos escuros, e sentou na mesma mesa em que eu estava, sem a minha permissão. Achei falta de educação, mas fiquei calado. O barbudo logo iniciou a conversa:

- Ei Quatro-olhos, qual foi o seu pedido? Quero sugestões...

“Mas que falta de educação! Apelidar uma pessoa desconhecida desse jeito”, pensei e chamei o garçom imediatamente.

- Retire este homem daqui! Ele é muito mal educado e inconveniente! O garçom respondeu:

- Não tenho culpa. Afinal eu só trabalho aqui e minha função é apenas servir os clientes. Se for reclamar de alguma coisa, fale com o dono. Se quiser, eu mesmo posso chamá-lo. Você pode falar qualquer coisa para ele, exceto sobre sua comida, que provavelmente esfriou.

- Obrigado, não precisa mais chamá-lo - respondi.

Resolvi não me meter em confusão e engoli em seco. O homem que estava sentado em minha mesa, permaneceu lá, depois de tudo que eu falei. Quando eu percebi ele havia apelidado todos os clientes ao redor “mas que homem infantil”, pensei alto e o atrevido prontamente respondeu:

- Não fique bravo, garoto, eu sempre tive essa mania de

apelidar os outros, até mesmo eu, tenho um apelido, que é Maluco Beleza.

- Sem problemas, já aceitei tudo isso - respondi.

No meio de minha refeição, entrou um homem barbudo que dizia ser Jesus e estava proclamando a paz no mundo. Maluco Beleza, com sua mania, não perdeu tempo e já o apelidou. O homem então, virou-se para ele e disse:

- Insolente, como ousa me apelidar! Quando chegar o fim dos tempos não adianta me procurar mais! – disse o homem que se apresentou como Jesus e ficou alguns minutos re-preendendo severamente Maluco Beleza, como se realmente fosse Jesus.

Eu, com tudo isso, saí imediatamente, resolvido a nunca mais voltar naquele restaurante que parece mais um hospício.

Consequências da indecisão

Autora: Gabriela Coutinho da Silva - 11 anos

Professora: Patrícia de Lima Barroso

Escola: Colégio Estadual Flavio Ferreira da Luz

Cidade: Curitiba - PR

Eu tenho um problema sério relacionado a indecisão. Penso que os dias que eu tive de indecisão no metrô deveriam ter servido de lição pra mim, mas não. Só consegui ficar traumatizado. Há um tempo atrás, eu estava para casar com Soraiadite, a mulher mais perfeita do mundo, mas comecei a ficar muito pensativo em relação a isso. Estava com medo, um pouco nervoso. No tempo em que eu e Soraiadite namoramos, eu não fui lá um bom namorado, porque... eu era muito indeciso. Eu não tinha muita certeza das coisas que eu fazia. Quando nós dois íamos ao cinema, eu não decidia o filme e nem sequer o tamanho da pipoca!

Quando íamos ao restaurante, passávamos vergonha por eu não decidir o que comer e o que tomar. Quando andávamos na pracinha, eu não decidia se andávamos de mãos dadas ou se ela enganchava em mim! E assim, muitas vezes, sempre por minha causa, por um problema que eu não resolvia, as coisas ficavam incertas.

Não gosto nem de lembrar o dia do casamento, porque lá, na hora do “sim”, Soraiadite aceitou ser minha esposa, mas eu comecei a pensar em mil coisas, comecei a refletir sobre o passado, fiquei na dúvida! Mas me surpreendi quando ela me deu uma moral quando disse: “Olha, eu já aturei você tempo

demais, você não demonstrou que me amava, vivia numa incerteza que Deus me livre! Adeus case-se com suas dúvidas e seus medos! Eu vou com Esmeraldo, o garçom, que foi meu namorado na infância. Fui!”.

Eu fiquei pasmo, envergonhado e com tudo isso perdi a mulher da minha vida!

Maluco Beleza

Apaixonado

Autora: Gabrielle Almeida de Arruda - 11 anos

Professora: Fernanda Dias Machado

Escola: E.E. Prof. Genésio Machado

Cidade: Sorocaba - SP

Quando seu primo o chamou para uma festa, Maluco Beleza logo pensou em quantos apelidos poderia colocar nas pessoas. Quando sua mãe soube que ele iria, ficou tão animada que foi à uma loja comprar um terno para ele ir bem arrumado.

E chegou o grande dia. A mãe com uma máquina fotográfica tirou várias fotos do Maluco Beleza. Eram tantas, que chegou uma hora ele disse:

- Mãe eu não vou me casar, só vou a uma festa!

A mãe respondeu:

- Mas você nunca foi a uma festa dessa e nunca se sabe quando vai ter essa oportunidade de novo...

- Que oportunidade? – questionou ele.

- De encontrar uma garota! – falou a mãe.

Maluco Beleza deu muita risada e disse à sua mãe que nunca iria namorar.

Na festa, como sempre, inventando apelidos. Olhando o DJ que era gordo, o apelidou de Bolão 2.

Quando Maluco Beleza foi pedir uma música, sem querer o chamou pelo apelido e o Bolão 2 não gostou nada. Bem na hora que ele ia apanhar do DJ, apareceu uma moça linda que separou a briga. Maluco Beleza logo a apelidou de Lindona.

Ela viu tudo e perguntou se ele gostava de inventar apelidos.

Claro que ele falou que sim. Depois disso, foram conversando e conversando, até que ele a chamou para sair. Quando ela disse que sim, ele quase saltou de alegria e foi pedir uma música de novo ao Bolão 2. Como chamou novamente pelo apelido, dessa vez levou mesmo um soco e a Lindona não conseguiu o segurar.

Mesmo caído, ao ser socorrido pela Lindona, Maluco Beleza perguntou: - Gostou da música, Lindona? - Assim foi que Maluco Beleza soube o que é se sentir apaixonado.

Os idosos não são objetos velhos

Autor: Geovan Pereira Silva - 15 anos

Professora: Andréia Pereira Flores

Escola: Colégio Municipal Alcides Cordeiro

Cidade: Condeúba - BA

Sabe-se que os idosos necessitam de atenção e cuidados especiais. Eles não podem ser vistos como empecilhos ou descartados como se fossem objetos velhos os quais jogamos fora.

Juanita já foi bela e considerada uma mulher batalhadora. Aos 79 anos ainda realiza muitas atividades em sua casa. Ela tem uma grande família e muitos de seus filhos foram adotados. Esmeraldo, Armidalino, Litinho, Luandécia, Ariolando, Jesus, Dirolinda, Dentinho, Marieta, Maluco Beleza, e Anacleto.

Esmeraldo tem vinte e oito anos e trabalha em uma empresa de roupas, Armidalino tem vinte e cinco e é advogado, Litinho tem quarenta e cinco anos e trabalha em uma escola, como professor, Luandécia tem trinta e três anos e é sócia de uma loja de roupas em São Paulo, Ariolando tem trinta e trabalha em um hospital público e Marieta tem vinte e um e é estudante de Direito. Os demais também têm seus empregos e assim, possuem uma vida agitada.

Todos os filhos foram buscar uma estabilidade em suas vidas. A última a sair de casa foi Dirolinda. Ela vivia com o marido em uma casa no interior da Bahia, a quem acabou perdendo em um acidente. Depois da morte de seu esposo, ela viveu com sua mãe dois anos e logo após arrumou um

namorado e assim foi morar junto com ele. Assim veio a preocupação: Quem vai cuidar da mamãe?

Num almoço de domingo no qual a maioria dos filhos estava presentes essa foi a pergunta a qual precisa de uma resposta o mais rápido possível: Quem vai cuidar da mamãe?

- Sou bem grandinha para cuidar de mim mesma! - disse dona Juanita.

Alguns filhos queriam levá-la para um asilo por achar que lá teria sempre alguém cuidando dela. Outros não concordavam com a ideia. Dona Juanita queria era mesmo vender a casa e se mudar para o interior da Bahia, propriamente em Condeúba local em que viveu com seu marido a sua infância toda e parte da adolescência. Ela queria voltar para sua terra natal, pois foi feliz naquele local e além do mais, lá ela tinha muitos amigos e sabia que eles não a deixariam na mão, caso viesse a precisar.

Depois de avaliarem os filhos acataram a decisão da mãe, mas com algumas restrições: arrumaria alguém para ajudá-la no que fosse preciso.

Dona Juanita guardava um grande segredo. Durante alguns exames de rotina descobriu que tinha um câncer, em um estado avançado, e sabia que a qualquer momento poderia morrer. No entanto, ela resolveu não contar para ninguém, pois não queria preocupar os seus filhos.

Com o tempo, ela foi ficando cada vez mais debilitada. Os filhos só ficavam sabendo de sua mãe quando ligavam para a casa dela e falava com Julinete, a mulher que cuidava da casa e de dona Juanita.

Sabendo do estado da mãe, os filhos resolveram marcar um encontro no final de ano. Assim decidiram que no final de ano todos iriam para a Bahia rever a mãe, uma mulher batalhadora e que não mediu esforços para cuidar de seus filhos. Pena que nem todos lhes davam o merecido reconhecimento. Alguns só estavam pensando na herança que ela poderia deixar.

O final do ano chegou e todos de malas prontas partiram rumo a Condeúba. Quando chegaram dona Juanita ficou numa alegria que só... Foi uma semana de pura diversão. Os filhos resolveram preparar uma festa de aniversário para dona Juanita que completaria 80 anos. No dia certo, todos estavam lá comemorando com muita alegria o aniversário de dona Juanita. A festa foi um sucesso.

Passaram-se algumas semanas e dona Juanita ficou muito adoentada. Os filhos queriam levá-la ao médico, mas ela não queria e foi justamente nesse dia que ela resolveu contar sobre a sua doença. Os filhos ficaram sem “chão”, pois a mãe era muito querida por eles. Não demorou muito, dona Juanita veio a falecer. Prepararam um funeral como ela merecia.

Alguns dias depois, os filhos resolveram arrumar as coisas e retornarem às suas casas. Ao mexer nos documentos encontraram uma carta deixada pela mãe, que dizia “Meus queridos filhos, ao saber que estava com uma doença grave, me voltei ao passado e relembrei os momentos mais felizes de nossas vidas. Fui feliz ao lado de todos vocês. Agradeço o carinho e o amor de cada um, pois não são todos que têm paciência com os idosos, que, na maioria das vezes são considerados chatos e intransigentes. Quero que saiba que eu os amo. Até breve!”. A carta deixou os filhos emocionados e reflexivos.

Os idosos são seres humanos os quais necessitam de atenção especial, não são lixos.

O mais importante na terra não são os bens materiais, mas sim, o amor ao próximo.

Quase almoço

Autora: Grazielle Medeiros Jope - 13 anos

Professora: Fátima C.M. de Souza

Escola: Escola Carlos Argemiro Camargo

Cidade: Capitão Leônidas Marques - PR

Em um belo dia de domingo eu estava na minha tia quando meu celular tocou:

- Olá! Quem é? - perguntei

- Não está reconhecendo a minha voz? – respondeu surpresa a pessoa do outro lado da linha.

- Não! Quem é? – insisti na pergunta.

- Que tal vir almoçar aqui hoje? Estou preparando o seu prato preferido!

- Tá, mas quem é mesmo que está falando? – questionei.

A pessoa do outro lado insistia em não responder quem era. Irritada perguntei novamente:

- Quem está falando afinal?

- Oras... a mãe do João! - respondeu

- Que João? - perguntei

- Chega de brincadeira! Respeite sua tia. – disse a mulher do outro lado da linha.

- Mas... que tia? Como assim? Já estou na casa da minha tia! – eu disse.

- Qual o seu nome afinal mocinha?

- Grazielle! - respondi.

- Ahhhh! Desculpe-me!, foi engano - respondeu a pessoa do outro lado, toda envergonhada, e eu fiquei sem um almoço especial.

Tudo vai melhorar

Autora: Isabela Mendes Ribeiro - 14 anos

Professora: Joelma Almeida da Silva

Escola: E. E. Ademar Cangussu

Cidade: Brasília de Minas - MG

Numa feira de agropecuária, um fazendeiro do Rio de Janeiro encontrou-se com um fazendeiro do estado de Minas Gerais.

O fazendeiro do Rio perguntou:

- Compadre, se o senhor não se importa deu perguntar, qual é o tamanho da sua fazenda?

O fazendeiro de Minas respondeu:

- Oia compadre, acho que deve di dar ai uns quatrocentos hectares, é pequeninha. E a sua?

Como o fazendeiro do Rio era daquele tipo meio arrogante e cheio de mania de grandeza, foi logo esnobando o outro fazendeiro dizendo:

- Compadre, o senhor sabe que eu nunca me interessei por conta. Eu só sei que eu saio de manhã e quando é meio dia, eu ainda nem cheguei na metade da propriedade.

O fazendeiro de Minas Gerais, muito comovido com a situação, deus uns tapinhas nas costas do fazendeiro do Rio de Janeiro e disse:

- Eu sei compadre. É fogo mesmo! No começo eu também andava de carroça... Esquenta não! Aguenta firme compadre, tenho certeza que tudo vai melhorar e você ainda vai ter um carro.

Estátua ou não?

Autora: Jenifer de Oliveira Caraça - 12 anos

Professora: Roseny Nascimento Gomes

Escola: E.M. E. F. Vereador Luiz Benedito

Cidade: Santa Isabel - SP

Luandécia é uma artista de televisão muito famosa, que resolveu tirar férias em uma cidadezinha do interior, onde nascera. É uma cidade de poucos habitantes. Chegando lá, quase toda a cidade pedia autógrafos, fotos e etc. Luandécia reparou que, em pé, do outro lado da rua, havia uma mulher que parecia não ligar para ela. Estranhou, mas Luandécia foi para sua antiga casa. No outro dia, ela foi fazer caminhada, e no mesmo local viu a mesma mulher parada. Nem dava bola para ela. Luandécia pensava:

- Nossa, uma mulher na cidade que não é minha fã? Que loucura!

E ela começou a ver essa mulher todos os dias que ia fazer caminhada. Ela cumprimentava, e a mulher não respondia. Luandécia começou a ficar encafifada com essa desconhecida.

Chegando na hora de dormir refletiu um pouco:

- Ou aquela mulher é um ET ou um fantasma para não falar comigo. Mas agora já perdi a paciência e ela vai me escutar amanhã.

Ela acordou cedo e foi até essa mulher que continuava parada e começou a xingá-la:

- Só porque você não é minha fã, não precisa me ignorar...

Uma moça jovem que passava por lá viu, e foi ver o que estava acontecendo, perguntando:

- Luandécia, é você?

Ela respondeu:

- Óbvio que sou eu, uma artista super famosa, que está perguntando a essa mulher, porque me ignora.

A moça assustada e indignada disse:

- Luandécia! Essa mulher é uma escultura da prefeita da cidade!

Luandécia morrendo de vergonha saiu e resolveu comprar passagens para voltar a cidade grande. Não acreditou quando viu a escultura da prefeita também no aeroporto. Ela nem ligou, fez de conta que nem viu, mas ouviu uma voz falando seu nome, que vinha da estátua. Estranhando e com muito medo entrou rapidamente no avião.

Chegando em sua casa, dias depois, recebeu um telegrama dizendo:

- Luandécia, sou a prefeita da cidade, pedi autógrafos no aeroporto, mas acho que você não me viu!

Luandécia prometeu a si mesma que nunca mais voltaria à sua cidade. Pensou que de tanto trabalhar, estava ficando maluquinha. Confundir estátua com uma pessoa e uma pessoa com uma estátua, onde já se viu. Que vergonha!

Os Aparelhos Eletrônicos no Cotidiano

Autora: Julia Teixeira Mendes Soares - 13 anos

Professora: Ester da Rocha Faustino Silva

Escola: Paulo Americo Paganucci

Cidade: Ferraz de Vasconcelos - SP

Os aparelhos eletrônicos viraram febre entre os jovens. Todos querem ter celulares e aparelhos da moda.

Os aparelhos eletrônicos evoluíram bastante. As pessoas hoje em dia não mandam mais cartas, e sim mensagens. Não saem mais para se encontrar, conversam por facebook, whatsapp e outros aplicativos que têm na internet, computadores ou até mesmo celulares.

Hoje em dia, as crianças não saem mais para brincar em praças, brincar de pega-pega, pique-esconde, pois preferem ficar jogando videogame, jogos eletrônicos, ficar mexendo no celular. Seus momentos de lazer estão sendo tomados pelos aparelhos eletrônicos, celulares, videogame, computadores, notebooks.

Os jovens estão perdendo a vontade de sair para ficar em casa usando aparelhos eletrônicos. Do jeito que está indo, os jovens acabam vivendo somente pelos aparelhos. Jovens, precisamos repensar.

Dentinho 2.0

Autora: Laíse Dimer Sant'ana da Rosa - 14 anos

Professora: Janete Maria de Almeida Americo Salazar

Escola: E.E. de Ensino.Fund. Justino Alberto Tietboehl

Cidade: Torres - RS

Depois de ir pelo pior caminho e se ver todos os dias nas ruas, dormindo em praças, Dentinho foi procurar ajuda. Ele não aguentava mais aquela vida. Foi para uma clínica.

Ele passou dias, semanas e meses se recuperando. Lá percebeu tudo o que havia perdido. Perdeu todos os amigos, bens materiais, e o mais importante, toda a sua vida até agora.

Quando ele saiu da clínica, viu o mundo lindo que tinha lá fora. Começou procurando um emprego digno, uma escola, já que ele não tinha concluído os estudos.

Com o seu primeiro salário, alugou um “apê” pequeno, mas o suficiente para ele. Procurou comprar um violão baratinho para tentar aprender a tocar, já que era o que sempre quis.

Ele aprendeu a tocar e tocava bem! Como trabalhava em um restaurante, nas horas vagas, tocava ao vivo lá e em pouco tempo todos o conheciam por seu talento.

Nisso um Dentinho 2.0 nasceu, tendo a vida, a educação, o respeito, a consideração, o dinheiro, a alimentação, tudo o que sempre mereceu.

E ele continua...

Maluco Beleza

Autora: Letícia Arruda Sousa - 14 anos

Professora: Renato Carlos de Souza Caldeira

Escola: Escola Estadual Professor Alcides Fernandes Assunção

Cidade: Ferros - MG

Sempre diziam que ele não era a pessoa certa para namorar. Mas *Ciro* nunca desistiu. Depois de várias pesquisas na internet e sites de relacionamentos, conseguiu marcar um encontro, com uma moça chamada *Clara*.

Dias antes, *Ciro* pensou em fazer a barba e o bigode, mas desistiu, pois era a marca registrada do *Maluco Beleza*. Comprou o melhor terno que achou, o melhor sapato que serviu e o melhor perfume que gostou.

Muito ansioso para o grande dia não se aguentava mais, *Maluco* pensava em *Clara* o dia todo e até passava noites em claro.

Quando o dia do encontro chegou ele se arrumou e, hora antes, já estava pronto. Passou em uma floricultura e comprou as mais belas rosas. Chegando ao restaurante do *Nando's*, foi logo apelidando os clientes. Era *Gazela*, *Gambá* e até mesmo *Fominha*. *Maluco* sentou-se em sua mesa esperando por *Clara*. Quando ela chegou, ele foi cumprimentá-la, e a chamou de *Pitelzinho*. *Clara* não gostou e lhe desferiu uma bofetada, para logo em seguida ir embora.

O que ela não sabia, era que *Ciro*, o *Maluco Beleza*, apelidava a todos. Depois do acontecido, *Maluco Beleza*, desistiu de encontrar uma namorada, pois sabia que nunca conseguiria acabar com aquela maluca mania de apelidar as pessoas.

Banda de um homem só

Autor: Luan Ramos Davelli - 15 anos

Professor: Emerson Sousa Zalotti

Escola: Escola Estadual Mauro de Oliveira

Cidade: São Paulo - SP

Maluco Beleza quando criança, ainda, aprendeu a tocar alguns instrumentos musicais e por conta disso, fez parte de muitas bandas. Entretanto, com a sua mania de apelidar as pessoas, em todas foi expulso, não ficava um só integrante da banda sem um apelido.

O grande sonho de Maluco Beleza era se firmar em uma banda, mas como, se ele não perdoava nem os amigos? Cada nova banda, com novos companheiros, eram novos apelidos como: Mão Mole, Voz de Moça, Nervosinho, Jacaré, entre outros.

Certo dia, então, que surgiu-lhe a ideia, para não ter mais conflitos, de ter sua tão sonhada banda, mas com apenas um personagem: ele. Assim fez. Depois de muito treino, fez a sua primeira apresentação: A banda de um homem só. E lá estava o Maluco Beleza, sentado em um banco, com uma gaita presa em um pedestal, à sua frente, onde ele colocava a sua boca; a sua boa e inseparável guitarra, Stratocarter, pendurada no ombro, por uma cinta; ao lado, um bumbo, uma caixa e um chimbau, os quais para tocar com os seus “sapatos sonoros”, como ele os apelidou, fazia malabarismo.

Começou a tocar em casas de shows, e com o tempo, ficou conhecido. Hoje ele faz aberturas de shows para bandas de

sucesso. O público já sabe da sua mania de colocar apelidos. Ele não perdoa nem a sua plateia. Alguns ficam de cara feia, mas outros caem na gargalhada com a sua criatividade. Muita gente conhece o Maluco Beleza, como “aquele maluco, da banda de um só, que gosta de apelidar as pessoas”. Na apresentação ele já fala: “Meu nome é Ciro, mas o meu apelido, que eu mesmo coloquei, e gosto de ser chamado, é Maluco Beleza”.

Esmeraldo, o Garçon

Autora: Luana Aparecida Ribeiro - 16 anos

Professoras: Josimara C.C. Shumada e Maria José Ferreira Leite

Escola: E.E. Jordina Amaral Arruda

Cidade: Sorocaba - SP

A vida de garçom
Não é fácil não
Chamam de lá e de cá
Na maior agitação

Essa é a rotina do Esmeraldo
Um garçom esforçado!
Mas quando há reclamação
Ele sai na contramão

Bota a culpa no cozinheiro
E até no seu patrão
Dia que este compra carne dura
E aquele não faz um bom tempero

Às vezes perde a cabeça
Com tanta reclamação
Aí é quando fala para o cliente:
Se quiser reclamar, chamo o patrão
Porque a culpa é do cozinheiro
E não é minha não!
Fique sabendo senhor cidadão
Este serviço não é fácil não!

O tombo de Esmeraldo

Autora: Marcella Giovanna Silva - 11 anos

Professora: Fernanda Dias Machado

Escola: E.E. Professor Genésio Machado

Cidade: Sorocaba - SP

Esmeraldo era garçom e trabalhava em um dos restaurantes mais frequentados de sua cidade.

Várias pessoas importantes iam ao restaurante.

Certa vez Esmeraldo estava trabalhando quando escorregou em um de suco de laranja que um menino, levado, que estava na mesa 21, havia derrubado.

Todos no restaurante deram risada ao ver o Esmeraldo spatifar-se no chão.

Todo sem graça, do chão, mesmo, bradou: - Agora vocês estão rindo, mas tenho certeza que se vocês se colocassem no meu lugar, não estariam rindo do acontecido e nem gostariam de tantas risadas.

Dito isto, levantou-se e saiu, dirigindo-se para a cozinha. Neste momento todos bateram palmas. Esmeraldo se virou e disse:

- Por que vocês estão aplaudindo?

Um senhor respondeu:

- Porque mesmo você tendo caído, se levantou, ergueu a cabeça e saiu para continuar o seu serviço, não dando muita importância pelo acontecido.

Esmeraldo, agradeceu, sorriu e saiu correndo para a cozinha para pegar o pedido da mesa 12.

O encontro de Maluco Beleza e Esmeraldo

Autor: Marcos Vinícios do Nascimento - 13 anos

Professora: Maria Antônia Lemes Marcelino

Escola: Escola Municipal Rotary

Cidade: Três Corações - MG

Um dia, no bar do Magrão se encontraram Maluco Beleza e Esmeraldo.

- Oi, Esmeraldo.

- Oi, Maluco Beleza!

- Tudo bem, Maluco Beleza?

- Mais ou menos!

- Por quê?

- Porque Zé Pinguinha morreu!

- Coitado, ele gostava de ler o livro “Nos Bastidores do Cotidiano”. Falava muito das crônicas. Gostou muito de ler “O grande diretor de teatro” e “Reencontrando amigos”...

- Ele também gostava de ficar aqui, no bar do Magrão.

- Ele também gostava da crônica “Exemplo de homem” que falava como o homem tinha que ser. Ele gostava do trecho: “onde ele estava, podia olhar em volta que a mulher também estava. Mãos dadas e beijos compassados como que cronometrados. Daquele beijo de fazer biquinho, sabe como é?...”

- É, Zé Pinguinha será inesquecível!

Dia seguinte

Autora: Maria de Fátima Bezerra - 26 anos

Professora: Almerinda Pinheiro Faroni Guimarães.

Escola: E.E Teixeira Pombo

Cidade: Tremembé - SP

Sabe aqueles dias, sem graça?

Um dia de ver a chuva cair na vidraça, um dia suave e sutil, um dia de maio ou abril, sem qualquer amigo do lado, sozinho no silêncio calado.

Era assim que Aristóteles se sentia, tudo estava sem cor, e se a cor havia, era cinza, não achava graça em nada. Nem na televisão, nem nos jornais. Naquele dia nem um bom livro o agradava.

Mas de repente, a chuva que caía com muita força foi diminuindo. Pouco a pouco o volume da água ia abaixando pelo meio fio da calçada, as árvores já não balançavam tanto, e paulatinamente tudo ia se tornando mais calmo e menos triste.

Naquela pequena e pacata cidade o horizonte era lindo, mas olhando da janela quase não se via nada, pois a chuva causava uma neblina que a paisagem ofuscava.

Como que se num passe de mágica Aristóteles, ali na janela com aquele semblante triste e cabisbaixo sentiu um brilho diferente. “Cores?” - indagou ele. Sim multicores naquele dia acinzentado. Surgiu lá no pé dos montes um lindo arco-íris e Aristóteles finalmente sorriu e tudo se tornou mais alegre naquele dia.

Até música ele ouviu, cantou, dançou e no seu rosto um belo sorriso surgiu.

Naquele novo momento, ele refletiu que em toda cinza pode se colocar cores. E que no canto da alegria não há espaço para a tristeza.

E que sempre depois da tempestade vem a calmaria.

Meu primo Armindalino

Autor: Patrick Pereira Elias - 11 anos

Professora: Simone A.S.B Virgílio

Escola: E.M. Prof.^a Maria Evani Gomes Teles

Cidade: Três Corações - MG

Vocês precisavam conhecer meu primo, Armindalino. Que chato ele é. Ele é tão certinho, mas tão certinho, que de vez em quando eu tenho sempre vontade de chutar a perna dele. Mas, nem isso eu posso porque ele é maior que eu e é faixa marrom no karatê. Vou te contar como é ele.

Ele joga futebol como ninguém...

Ele joga de goleiro. Tem luva de goleiro, camisa de goleiro, uma joelheira de verdade, que a Juju falou que é cotoveleira de gente grande e que criança usa de joelheira. E pior, tem jeito de goleiro.

E na escola? Primeiro da classe. Só tira 10! Ele sabe tudo! Nunca vai para fora da sala, nunca tem anotação na agenda, de ocorrência da sala. É sempre um exemplo de estudante.

E quando ele vai na minha casa, então, é de morrer.

Meu pai fica dizendo “Olha a caderneta do Armindalino só tem 10”

A minha mãe fala “Olha como o Armindalino come espinafre, jiló direitinho. Ele come de tudo...”

Meu tio fala “Olha como o Armindalino fica quieto durante a novela das nove e não amola igual a você .”

A minha avó diz “Olha como o Armindalino se comporta direitinho e cumprimenta todo mundo, ele não é como você que entra que nem furacão, sem falar com ninguém ...”

É por isso que eu não posso nem ouvir falar do meu primo, Armindalino...

A morte do Maluco Beleza

Autor: Rodrigo Reis Ribeiro - 11 anos

Professor: Renato Carlos Sousa Caldeira

Escola: E.E. Professor A.F. Assunção

Cidade: Ferros - MG

Maluco Beleza chegou ao céu com aquela sua mania de apelidar os outros. E lá, continuou a apelidar todos, não respeitando ninguém:

- E ai, Barbudinho, como é que vai?
 - Mais respeito comigo, Ciro! Esqueceu que sou Deus?
 - Ah, foi mal...
 - Anjo Gabriel, venha até aqui!
 - Estou a seu dispor, Senhor.
 - Leve este homem a São Pedro, pois ele vai ser o ajudante dele.
 - Pois não, Senhor. Venha, meu bom homem.
 - Que isso? Não sou seu não, Caixinhos Dourados! Tá me estranhando?
 - E só um modo de falar, Ciro! E nós já conversamos sobre essa sua mania de apelidar.
 - Opa, esqueci...
- Chegando a São Pedro...
- E ai, Manda-Chuva, o que é que eu faço?
 - Ciro, Ciro! Desse jeito você vai para o inferno!
 - Ah, não vou não! Com o Chifrudinho eu não fico!

Um sonho destruído

Autora: Stéphanie Karin Olegini - 15 anos

Professora: Dayane Priscila Fernandes

Escola: Escola Oficina Adeliria Meurer

Cidade: Francisco Beltrão - PR

Gertulino era um jovem alto, moreno, amava tocar seu violão, jovem mimado, filho de pais ricos e donos de uma grande empresa, reconhecida como das melhores na produção de roupa na cidade de Francisco Beltrão.

Gertulino não precisava trabalhar. Era mantido pelos pais e, ganhava uma grande quantia em dinheiro, sempre que pedia. Ele tinha tudo o que queria, como por exemplo, carros luxuosos, bebidas caras e muito dinheiro.

Porém, ele não gostava desse luxo, não gostava do fato de depender tanto dos pais. Seu sonho era viver do seu talento, viver da música, gravar CDs etc.

Ele tentou muitas vezes, e sempre recebia um “não”. Tentou de todas as maneiras possíveis viver seu sonho. Como não havia conseguido entrou em uma grande depressão e começou a fazer uso de drogas pesadas. Várias vezes foi preso e gastou toda a fortuna de sua família. Seu pai, cansado e vendo que seu filho não tinha mais solução, resolveu expulsá-lo de casa.

Gertulino é um dos muitos jovens que perderam tudo por causa do vício e, tem como sua casa, uma caixa de papelão em algum lugar na cidade.

Maluco Beleza, personagem de Laé de Souza, se apaixona por Minerva, de “Harry Potter”

Autora: Taísa Kristine da Silva Rodrigues - 14 anos

Professora: Simone Veloso Stipp de Souza

Escola: E.E. Professor Altamir Gonçalves

Cidade: Sorocaba - SP

Estava esperando o próximo trem quando presenciei uma situação um pouco intrigante.

O trem estava prestes a sair quando uma mulher gritou:

- Por favor, segure a porta!

Então um dos passageiros segurou-a até ela entrar.

- Muito obrigada!

- Por nada!

Respondeu o homem.

Qual seu nome? Perguntou ao passageiro.

O homem, então, responde sorridente:

- Me chamo *Ciro*, mas todos me chamam de Maluco Beleza e o da senhorita? Qual é?

- Muito obrigada pelo senhorita, mas tenho idade para ser sua mãe senhor *Ciro*...

Ele a interrompeu, dizendo:

- Por favor me chame de Maluco!

- Ah sim, me desculpe Maluco, mas continuando, me chamo Minerva.

- Que belo nome senhorita Minerva!

Nesse momento é anunciado que o trem já iria sair e era para todos os passageiros se acomodarem em suas cabines.

Mas, ao invés de Maluco ir para sua cabine, ele foi atrás de Minerva.

- Desculpa interromper, GATA PRETA... deixando escapar o apelido que já lhe dera.

Ela sorri.

- Todas as cabines estão lotadas. Poderia viajar com você?

- É claro que pode, desculpe-me a indelicadeza, deveria tê-lo convidado antes, mas realmente, estou ansiosa para chegar ao meu destino.

- Ah sim... Para onde a GATA está indo?

- Estou indo para Londres.

Respondeu Minerva.

- Eu também estou indo para lá! Que coincidência...

Quando o trem parou, Maluco desceu e perguntou:

- Você não vem?

- Não. Vou descer na próxima estação.

- Então até qualquer dia, senhorita Minerva.

Maluco seguiu seu destino. Chegando em sua casa ele ainda estava com Minerva na cabeça, mas resolveu descansar um pouco, pois teve um longo dia.

Minerva chegou na “Escola de Magia e Bruxaria Hoguarts” e a primeira coisa que escutou foi um de seus alunos chamando uma colega de “GATA PRETA”. Ficou abalada ao ouvir aquilo, lembrando-se do encantador passageiro do trem. Porém sabia que aquele romance jamais iria acontecer, pois eles eram de mundos completamente diferentes. Minerva era uma “bruxa” e Maluco um “trouxa”.

Então, Minerva guardou seus encantos em suas memórias e Maluco Beleza, também, nunca esqueceu sua “GATA PRETA” seguindo sozinho, pela sua vida de aventuras e apelidos.

Zé Pinguinha nos assombrando

Autora: Wisthiley Soares do Nascimento - 14 anos

Professoras: Iara Alves de Almeida e Cleide Aparecida Brizola de Almeida

Escola: E. E. Profª. Jordina Amaral Arruda

Cidade: Sorocaba - SP

Já faz mais ou menos duas semanas que Zé Pinguinha morreu e durante essas duas semanas tem acontecido coisas no bar do Magrão.

Numa dessas noite, quando o Magrão dormia ele ouviu um barulho esquisito em seu bar e foi verificar. Chegando lá o barulho parou, mas percebeu que um dos copos estava em cima do balcão. Ficou um pouco intrigado, mas pensou que havia esquecido o copo lá e voltou a dormir.

Na manhã seguinte contou aos seus amigos o que tinha acontecido e começou um burburinho na cidade: “deve ser o Zé Pinguinha querendo assombrar e voltar ao lugar em que sempre esteve nas noitadas”.

Magrão ficou com uma pulga atrás da orelha e questionou:
- Será?

Novamente, no mesmo dia, à noite, Magrão ouviu o barulho de suas garrafas sendo mexidas. Foi correndo com um cabo de vassoura nas mãos, pensando: Se for ladrão, dou-lhe uma vassourada, se for assombração, ponho para correr. Chegando lá, viu Zé Pinguinha no balcão, que lhe disse: - Desculpe-me por estar me servindo, Magrão. Desce mais uma aí e põe na conta que na próxima eu te pago.

Magrão saiu correndo pelas ruas gritando “assombração”, assombração”. A vizinhança chamou-o de louco, mas ninguém quis ir lá ver. Resultado: Magrão nunca mais abriu o bar e dizem que Zé Pinguinha ainda está lá bebendo todo o estoque. Afinal é de graça.

Correspondências

CAIXA POSTAL 24.593

03563-970 - São Paulo - SP

E-mail: laedesouza@projetosdeleitura.com.br

Conheça os projetos

Ler é Bom, Experimente!

Minha Escola Lê

Lendo na Escola

Leitura no Parque

Viajando na Leitura

Dose de Leitura

Caravana da Leitura

Minha Cidade Lê

Leitura não tem Idade

Leitura na Praia

no site:

www.projetosdeleitura.com.br



(11) 2743-8400 - 2743-9491

E-mail: ecoarte@ecoarte.com.br

Sobre o Autor



Jequeense, radicado em São Paulo há mais de 40 anos, Laé de Souza é cronista, dramaturgo, produtor cultural, bacharel em Direito e Administração de Empresas, escritor de livros dirigidos ao público infantil, juvenil e adulto. Autor de vários projetos de incentivo à leitura e coordenador do Grupo Projetos de Leitura há mais de vinte anos.

Peças teatrais: Noite de variedades, Casa dos Conflitos, Os Rebeldes, Viravolta na vida e Minha linda Ró.

Obras publicadas: Nos bastidores do cotidiano, Acredite se quiser!, Acontece... e Espiando o mundo pela fechadura (impressão regular e em braile), Coisas de homem & coisas de mulher, a série infantil Quinho e o seu cãozinho Radar, Nick e Bia na floresta encantada (bilingue), dentre outros.

Projetos culturais: Ler é Bom, Experimente!, Caravana da Leitura, Dose de Leitura, Viajando na Leitura, Leitura no Parque, Leitura não tem Idade, Lendo na Escola.

Outras ações: Ao longo de sua carreira, Laé de Souza vem desenvolvendo várias ações de incentivo à leitura em todo o país: doação de livros de sua autoria para estudantes de escolas da rede pública, ONGs, hospitais, usuários de transportes coletivos, palestras para professores e estudantes, caravanas e oficinas literárias, distribuição de livros em casas, praças e parques públicos, edição anual de um livro com textos produzidos por estudantes participantes dos seus projetos de leitura.